

“OS DAQUI” E “OS DE FORA”: SOCIABILIDADE ENTRE TRABALHADORES  
ASSALARIADOS NA DENDEICULTURA NA AMAZÔNIA ORIENTAL


"THE LOCALS" AND "THE OUTSIDERS": SOCIABILITY AMONG WAGE  
WORKERS IN PALM OIL CULTIVATION IN THE EASTERN AMAZON


Recebido em: 17/05/2024


Reenviado em: 03/09/2024

Aceito em: 21/09/2024

Publicado em: 09/12/2024

Raquel de Jesus Costa<sup>1</sup>   
Universidade Federal do Pará

Dalva Maria da Mota<sup>2</sup>   
Embrapa Amazônia Oriental

Laiane Bezerra Ribeiro<sup>3</sup>   
Universidade Federal do Pará

**Resumo:** O objetivo deste artigo é analisar as relações de sociabilidade entre antigos e novos residentes considerando o afluxo de pessoas para trabalhar como assalariadas na dendecultura na vila Forquilha em Tomé-Açu (PA). Trata-se de um estudo de caso conduzido por meio de abordagem quantitativa e qualitativa, com revisão de literatura e levantamento de dados primários e secundários. Observações e entrevistas semiestruturadas e não diretivas foram realizadas com 46 antigos residentes (“os daqui”) e com 51 novos (“de fora”) que foram atraídos pelo assalariamento. Observações foram feitas nos lugares de residência e em espaços públicos de lazer e de serviços. As principais conclusões mostram que houve transformações nas relações de sociabilidade devido à chegada de pessoas para trabalhar. Evidenciam-se três tipos de interação social: entre os residentes “daqui”, entre os residentes “de fora” e entre ambos os tipos de residentes. A interação ocorre com maior fluidez no convívio intragrupos; entre um tipo e outro, é superficial, e a sociabilidade torna-se mais difícil em razão das diferenças.

**Palavras-chave:** Dendê; Interações; Trabalho Assalariado.

**Abstract:** Thus, the objective of the article is to analyze the sociability relationships between old and new residents under the condition of the influx of people to work salaried in oil palm in the village Forquilha in Tomé-Açu, PA. It is a case study, using quantitative and qualitative approaches with literature review and secondary data collection. Semi-structured and non-directive interviews were carried out with 46 former residents (“the ones from here”) and with 51 new ones (“from outside”) who arrived motivated by salary. Observations occurred in places of residence and in public spaces for leisure and services. The main conclusions show that there were changes in sociability relationships due to the arrival of people to work. Three types of social interaction are evident: between residents “from here”; between “outside” residents, and between both residents. The interaction occurs with greater fluidity in intragroup interactions. Between one type and another it is superficial, and sociability is made more difficult by the differences.

**Keyword:** Oil Palm; Interaction; Salaried Work.

<sup>1</sup> Mestra em agriculturas familiares e desenvolvimento sustentável do Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas da Universidade Federal do Pará. E-mail: raquel.jcagro@gmail.com

<sup>2</sup> Pesquisadora da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária da Amazônia Oriental (Embrapa Amazônia Oriental). Bolsista Produtividade-CNPQ. Pós-doutorado na University of London, Inglaterra. Doutorado em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). E-mail: Dalva.mota@embrapa.br

<sup>3</sup> Doutora em agriculturas familiares e desenvolvimento sustentável do Programa de Pós-graduação em Agriculturas Amazônicas da Universidade Federal do Pará. E-mail: laianebr@yahoo.com.br

## INTRODUÇÃO

O artigo versa sobre as relações de sociabilidade entre antigos e novos residentes em uma vila em cujas adjacências se cultiva dendê (*Elaeis guineensis* Jacq.), sendo, por isso, alvo do afluxo constante de pessoas que desejam trabalhar como assalariadas na dendeicultura. Trata-se da vila Forquilha no município de Tomé-Açu, um dos maiores produtores de dendê do Pará (IBGE, 2019) no Nordeste Paraense (NEP). A expansão da dendeicultura no NEP é parte de um processo mais amplo de produção de *commodities* sob o sistema de *plantation*. Com efeito, os plantios de dendê ocupam 20% de todo o cultivo permanente no mundo e têm expectativas de dobrar ou triplicar até 2050 (OVERBEEK, 2017) em atendimento à demanda por óleo vegetal para alimentos, cosméticos, fármacos e combustível.

A Ásia é responsável por 84,7% da produção mundial de dendê (FAOSTAT, 2020), a Indonésia e a Malásia sendo os maiores produtores mundiais (USDA, 2019). Na América Latina, destacam-se Colômbia, Guatemala, Equador, Honduras e Brasil (USDA, 2019). Em todos os casos, as corporações dominam a cadeia produtiva e têm grandes áreas de monoculturas, as quais coexistem com os cultivos de médios e pequenos produtores em diferentes formatos e contratos para o fornecimento de matéria-prima. Os migrantes representam a força de trabalho central (MOTA; RIBEIRO; SCHMITZ, 2019; MOTA *et al.*, 2019). A dendeicultura tem chamado a atenção de estudiosos, que reconhecem a sua importância para a indústria e como agrocombustível para a redução do uso de combustíveis fósseis no contexto de agravamento de mudanças climáticas. Não obstante, também destacam os seus impactos sociais, econômicos e ambientais (JEZEER *et al.*, 2019).

No Brasil, o dendê chegou inicialmente à Bahia no século XVII e na década de 40 ao Pará, onde foi utilizado, em um primeiro momento, na experimentação (HOMMA, 2016). Nos anos 2000, expandiu-se em monocultivos impulsionados por diferentes iniciativas de políticas públicas com subsídios e incentivos fiscais, destacando-se o Programa Nacional de Produção e Uso do Biodiesel (PNPB) em 2004 e o Programa de Produção Sustentável de Óleo de Palma (PSOP) em 2010. Com tais investimentos, o Pará ampliou a sua área plantada para 207 mil ha em 2017 e responde por 90% da produção nacional com concentração dos cultivos no NEP, oriundos de estabelecimentos de agricultores integrados, médios produtores e cultivos próprios das empresas (BRANDÃO; SCHONEVELD; PACHECO, 2018).

No Pará, a expansão da dendeicultura constitui tema de grande interesse e tem sido analisada em estudos sobre o potencial da região em termos edafoclimáticos e socioeconômicos

(RAMALHO FILHO *et al.*, 2010), as questões fundiárias (BACKHOUSE, 2013), as mudanças ambientais (BACKHOUSE; LEHMANN, 2020), a segurança alimentar (GERMAN; SCHONEVELD; PACHECO, 2011) e a influência na vida das pessoas que se integram na cadeia produtiva por meio de contratos ou de assalariamento (MOTA *et al.*, 2019; SAAVEDRA, 2017).

Não obstante, na literatura revisada, observa-se uma lacuna no que concerne às relações de sociabilidade após a chegada de pessoas para trabalhar nos cultivos de dendê nas vilas paraenses. O tema é tratado apenas tangencialmente por meio da indicação de transformações nos laços sociais dos residentes (RIBEIRO, L. B., 2016; RIBEIRO, L. C., 2017) e de mudanças nas condições de infraestrutura e de serviços (SIMAS; PENTEADO, 2019). Contudo, em um estudo no México e na Guatemala, Castellanos-Navarrete, Tobar-Tomás e López-Monzón (2019) constataram que os trabalhadores ultrapassam fronteiras internacionais para chegar às plantações. Ali, sob precarização, tensões pontuam as suas vivências localmente na condição de migrantes com instabilidades e discriminações.

Em estudo na vila Forquilha, Carvalho (2016) afirma que a chegada da dendeicultura ocasionou uma nova configuração espacial, gerando problemas sociais por atrair migrantes, os quais trazem consigo diferentes formas de pensar e de se relacionar. Esses indicativos instigaram-nos a analisar a sociabilidade na escala local para interpretar as relações entre quem chega para o assalariamento e os já residentes. Ali há significativo número de trabalhadores migrantes que trabalham em empresas produtoras de dendê situadas nos arredores – Grupo Agropalma, Brasil BioFuels (BBF) e Belém Bioenergia Brasil (BBB). Considerando tal fato, o objetivo do artigo é analisar as relações de sociabilidade entre antigos e novos residentes sob a condição do afluxo de pessoas para trabalhar como assalariadas na dendeicultura na vila Forquilha em Tomé-Açu, PA.

## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

A metodologia caracteriza-se por uma abordagem quantitativa e qualitativa, com revisão de literatura, levantamento de dados primários e secundários. Um estudo de caso foi realizado na vila Forquilha em 2019, considerando que o método permite obter o conhecimento de um fenômeno ou de uma instituição ao explorar a fundo um caso particular (BECKER, 1999). Além de conversas informais com comerciantes e outras pessoas, foram realizadas observações e entrevistas diretas e não diretas com 46 antigos residentes (“os daqui”) e com 51 novos (“de

fora”) que chegaram motivados pelo assalariamento. “Os daqui” designam os moradores que residem há mais tempo e fazem parte dos primeiros habitantes da vila, ou seja, fazem parte de famílias que são consideradas do lugar. Os “de fora” residem na vila há menos tempo e vieram quando as empresas de dendê ainda se preparavam para instalar-se na região. O tratamento de dados foi feito por meio da sistematização e da análise dos dados das observações e das entrevistas. Essas últimas foram analisadas na sua totalidade, de forma vertical (completa) e horizontal, segundo cada tema das diferentes entrevistas (MICHELAT, 1987). No caso dos dados quantitativos, tabelas e gráficos foram elaborados para a comparação e o cálculo de percentuais. Em todos os casos, os dados foram interpretados à luz da literatura.

## **SOCIABILIDADES**

Para o estudo da sociabilidade, tomamos por empréstimo o conceito de Simmel (1983, 2006), em um diálogo com analistas mais recentes, como Baechler (1995), Cetrulo Neto (1999) e Mota (2005). Para a sociabilidade em termos práticos, inspiramo-nos no estudo de Gonçalves (2009) sobre o espaço urbano na região metropolitana de Belém.

Simmel (1983) é referência central nos estudos sobre a sociabilidade no início do século XX. Ele atribuiu às Ciências Sociais a tarefa de estudar as formas de ação recíproca. Sociedade “é o estar com um outro, para um outro, com um outro que, através do veículo dos impulsos ou dos propósitos, forma e desenvolve os conteúdos e os interesses materiais ou individuais” (SIMMEL, 1983, p. 168). O autor dá ênfase às formas e ao conteúdo e apresenta-nos duas proposições: segundo a primeira, seja qual for a sociedade humana, faz-se a diferenciação entre conteúdo e forma; de acordo com a segunda, a referência de interação entre os indivíduos é feita pela própria sociedade e é a importância dessa interação que obriga os indivíduos a constituírem uma unidade, a sociedade.

A sociabilidade é caracterizada pelo sentimento, sobretudo aquele que o indivíduo sente em relação ao outro ao associar-se a ele. Com isso, há uma distinção entre sociedade e sociabilidade. A primeira é a associação de elementos desiguais, enquanto a segunda é o inverso: quanto mais desiguais forem os indivíduos, mais difícil torna-se a sociabilidade (CETRULO NETO, 1999; SIMMEL, 1983). Simmel (2006) trata a sociabilidade como um jogo, cujo único objetivo é a troca de prazer no ato da sociação, a sociabilidade é “a forma lúdica de sociação” (SIMMEL, 2006, p. 65), em que os valores compartilhados devem ser parecidos, tanto de quem dá como de quem recebe.

Diferentemente de Simmel (1989), Baechler (1995) afirma que a sociabilidade diz respeito à capacidade humana de construir redes, entendidas como unidades de atividades individuais ou coletivas. A sociabilidade exprime informações não só sobre os grupos, mas também sobre os indivíduos em suas particularidades, como opiniões, interesses e gostos. As redes são os laços que cada indivíduo constitui com os outros, de forma sólida e exclusiva – ou não. Os laços são as conexões estabelecidas, nas influências mútuas no cotidiano ou de forma esporádica entre os atores, com maior ou menor intensidade. Os laços estão atrelados aos contextos sociais nos quais as pessoas estão inseridas (GONÇALVES, 2009).

Para Alencar (2007, p. 76), “são as qualidades pessoais como a amabilidade, a educação e a cordialidade que indicam a existência, ou não, de sociabilidade em um encontro”.

Examinando o trabalho e a sociabilidade entre trabalhadores assalariados no espaço rural, Mota (2005) concluiu que o lugar de trabalho era um espaço privilegiado de interação, mas as relações não eram apenas lúdicas com subtração da pessoalidade e intensa amabilidade, conforme sugere Simmel (2006). Conflitos e disputas coexistiam. Na cidade, entre assalariados de um supermercado, Gonçalves (2009) constatou que os espaços de maior sociabilidade eram aqueles de lazer e manifestavam-se como um jogo social, conferindo leveza ao ambiente e melhorando o clima organizacional. Nesse sentido, Fernandes (2018) ressalta que a vida social é comprometida quando não há nenhum equipamento lúdico para a sociabilidade.

Candido (2017), Queiroz (1973) e Wagley (1988), ao caracterizarem o lugar de morada e os grupos nele existentes em espaços rurais, mostram que a sociabilidade está intimamente relacionada às atividades lúdicas religiosas e é marcada por redes de relações de vizinhança, compadrio e ações conjuntas. O bairro e a comunidade abrigam formas peculiares de sociabilidade, o trabalho rural em comum torna-se uma segunda maneira de congregar os residentes, além das festas religiosas. Para os autores, a sociabilidade alarga-se em diferentes graus: relações familiares, de vizinhança, entre bairros, com a cidade, com a região ou até além dela, com novas formas de interação e de experiência social.

Por sua vez, Brandenburg (2010) constatou que grandes empreendimentos ocasionam mudanças nas formas de sociabilidade, com a desintegração da vida comunitária ou de pequenos núcleos no Sul do Brasil. Os bairros passam a não concentrar mais a vida social rural, e os elementos de sociabilidade da vida rural estendem-se além deles, formando assim uma rede de relações de sociabilidade heterogênea.

Em se tratando do Pará, a sociabilidade é frequentemente estudada em espaço urbano e pontualmente utilizada para analisar mudanças causadas por grandes empreendimentos. Ertzogue e Busquets (2019) verificaram a perda de rede de sociabilidade em comunidades afetadas pela Usina Hidrelétrica de Belo Monte, em razão da mudança das famílias de seus lugares de moradia. As transformações foram socioeconômicas, ambientais e afetivas porque houve ruptura nos laços familiares e comunitários dos reassentados.

Em estudos sobre o assalariamento na dendeicultura, Ribeiro, Mota e Alves (2017) evidenciaram relações de sociabilidade nos clubes de futebol e grupos de jovens em vilas rurais no NEP. Segundo Sousa (2019), momentos de sociabilidade com a família têm sido subtraídos dos trabalhadores assalariados na dendeicultura em decorrência do longo tempo de deslocamento para o trabalho, fato que Aquino Júnior (2019) também comprovou ao constatar a ausência de jovens assalariados nas associações e nos movimentos sociais.

Para a análise na vila Forquilha, adota-se o conceito de sociabilidade como forma lúdica de sociação (SIMMEL, 1983, 2006) e como capacidade humana de construir redes (BAECHLER, 1995). Os valores compartilhados na interação devem assemelhar-se tanto entre os recém-chegados como entre os que já viviam no lugar. A interação é tratada como evidência da sociabilidade porque produz significado e influi nas relações de ambos os grupos.

## **VILA FORQUILHA: ASPECTOS HISTÓRICOS**

A vila Forquilha localiza-se no município de Tomé-Açu, na microrregião do mesmo nome, na mesorregião NEP, fronteira mais antiga de colonização do estado do Pará. Um dos cinco maiores produtores de dendê do Pará, Tomé-Açu tem forte presença de imigrantes atraídos pela dendeicultura. Forquilha está a 228 km de Belém, a capital do estado. De Belém, pela PA-155 e pela PA-140, chega-se à sede municipal de Tomé-Açu, e a PA-256 liga Tomé-Açu a Forquilha.

Com base na literatura e nas entrevistas, identificam-se fases importantes na formação e na expansão da outrora denominada região de Canindé<sup>4</sup>, onde se situa a vila Forquilha: a) ocupação das primeiras terras por nordestinos; b) distribuição de terras por parte do governo municipal; c) intensificação da compra e venda de terras com a chegada da dendeicultura. A primeira fase, que corresponde à formação da região do Canindé, caracteriza-se pela chegada

---

<sup>4</sup> As vilas que abrangem essa região estão localizadas ao longo da PA-256, que vai de Forquilha até a vila Água Azul. Depois da formação da vila Forquilha, a região Canindé passou a ser chamada Forquilha por oferecer mais infraestruturas de serviços.

de migrantes nordestinos, fugindo dos conflitos, da concentração de terra e das grandes secas em seus territórios em meados do século XX (SILVA, 2018; VELHO, 2009). Em busca de melhores condições de vida, eles chegaram a Tomé-Açu para trabalhar nos plantios de pimentado-reino de proprietários japoneses. Esses cultivos foram a principal atração para a região e, conseqüentemente, para as primeiras ocupações de terra no período de 1950 a 1967, as quais eram feitas sem autorização do governo municipal.

A memória oral registra que o cearense José Paulo Francisco Teixeira foi um dos primeiros a ocupar terras nas regiões fronteiriças de Canindé e foi quem incentivou a migração de famílias nordestinas com o mesmo intuito. Assim, em pouco tempo, criou-se uma colônia de nordestinos. Segundo relatos, o primeiro residente da vila Forquilha, em meados da década de 60 do século XX, foi o maranhense Francisco Luís do Nascimento, conhecido pelo apelido Franciné. O nome da vila deveu-se à localização de sua casa, no centro de dois ramais<sup>5</sup>, caracterizados como uma forquilha.

No processo de migração, a relação de parentesco foi um propulsor para a fixação de moradia (ALENCAR, 2010). Os primeiros residentes, após seu estabelecimento, traziam parentes. Um deles trouxe o irmão dois anos após a sua chegada, uma senhora do Maranhão veio com o esposo e, em seguida, incentivou a migração da irmã. Criou-se, dessa forma, uma rede de apoio entre parentes.

Devido à intensificação da vinda de migrantes, o primeiro prefeito de Tomé-Açu, Ney Carneiro Brasil, tomou a iniciativa de controlar a ocupação e de distribuir áreas de terras, concedendo o direito à ocupação a partir de 1967. Essa estratégia política, que caracteriza a segunda fase da história de Forquilha, refletia o contexto nacional com a criação do Programa de Integração Nacional (PIN) e a base de afirmação da expansão da fronteira, o que daria acesso à terra aos pequenos produtores nordestinos (BECKER, 1988).

De acordo com a classificação de vilas rurais realizada por Ribeiro (2016), a formação de Forquilha teve início em 1960. Em 1970, com a abertura de estradas nacionais, foi construída a rodovia PA-256, que interliga Tomé-Açu aos municípios de Acará e de Tailândia. Passando no centro do povoamento inicial de Forquilha, tornou-se a rua principal da vila, atraindo novos residentes pela facilidade de deslocamento.

Relatos indicam que, a partir de 1971, Franciné, maior detentor de terras em Forquilha, passou a vendê-las. Em 1973, a vila tinha um importante aglomerado de casas, uma escola, a

---

<sup>5</sup> Ramal é uma ramificação de uma estrada, também chamada vicinal.

principal igreja da região, um clube de futebol e mercadinhos. Outro fator importante para sua expansão foi a abertura de uma serraria em Urucuré (vila próxima, mas pertencente ao município de Acará), que, por sua vez, chamava a atenção de trabalhadores e atraía novos migrantes tanto para a vila Forquilha como para vilas vizinhas. A construção de estradas e a instalação de energia elétrica na década de 80 foram fundamentais para o processo de povoamento e de expansão nos anos posteriores.

Nos anos 90 e 2000, em Forquilha, havia pequenos e grandes produtores rurais e comerciantes que alternavam o trabalho entre o próprio estabelecimento e o assalariamento temporário. Nos anos 2000, inicia-se o processo de venda de terras de propriedade de agricultores familiares e de fazendas (CARVALHO, 2016) para empresas produtoras de dendê. A primeira empresa compradora foi o grupo Agropalma em 1997, a Biopalma da Amazônia em 2009<sup>6</sup> e, posteriormente, a Belém Bioenergia Brasil em 2011. Esse movimento caracteriza a terceira fase de expansão da vila Forquilha.

A partir de 2010, inicia-se o plantio de dendê nos arredores da vila, o que provocou um afluxo contínuo de pessoas de diferentes lugares do estado e de outras regiões, em busca de trabalho assalariado. Diferentemente, porém, são trabalhadores que, em sua maioria, deslocam-se sozinhos, e suas famílias permanecem nos seus lugares de origem.

Segundo o relato de uma residente, a população da Forquilha era de 300 famílias até 2007, mas perdeu-se o controle pela chegada de pessoas para trabalhar na dendeicultura após 2010. A população é, atualmente, composta por agricultores familiares, comerciantes, autônomos, servidores públicos, trabalhadores assalariados nas empresas de dendê, entre outros. A economia é baseada na agricultura (familiar e empresarial) e no comércio. Nos arredores da vila, predomina uma paisagem composta por fazendas e áreas de capoeiras finas e densas, além dos monocultivos de dendê.

## **UM CONHECIDO ESTRANHO: SOCIABILIDADE NA VILA FORQUILHA**

Para analisar as interações entre “os daqui” e os “de fora”, recorre-se a Elias e Scotson (2000), que examinaram dois grupos – os estabelecidos e os *outsiders* –, unidos e separados por laços de tensão desiguais de interdependência. Os estabelecidos têm uma identidade comum que é mobilizada para fundamentar o seu poder na pretensão de ser um modelo moral para os outros, eles se autopercebem como uma boa sociedade. Já os *outsiders* são os que não fazem

---

<sup>6</sup> Em 2020, a empresa Biopalma vendeu todas as suas ações à BBF.



parte dessa identidade, ou seja, estão fora, apresentam laços menos intensos que os demais e não são vistos como constituintes daquele grupo social (NEIBURG, 2000).

Em outro contexto, Cândido (2017) distingue os caipiras residentes transitórios e os permanentes, a vida e o trabalho familiar de ambos os tipos são influenciados pela natureza da ocupação na terra: o morador transitório tinha uma relação consentida com a terra, enquanto o permanente era o proprietário dessa terra. No nosso estudo, o conjunto de variáveis da Tabela 1 é o que nos permite diferenciar “os daqui” e “os de fora”, sem a centralidade da posse da terra considerada pelo autor.

Tabela 1 – Tipos de residentes<sup>7</sup>.

Tipos de residente	Condição de moradia	Previsão de permanência na vila	Variável de agrupamento
“Os daqui” (estabelecidos)	Casa própria	Permanente	Ser do lugar, independentemente da dendeicultura
“Os de fora” ( <i>outsiders</i> )	Aluguel	Provisória	Estar no lugar para trabalhar na dendeicultura

Fonte: Pesquisa de campo (2020). Elaboração das autoras com base em Cândido (2017) e Elias e Scotson (2000).

Para analisar as interações entre “os daqui” e “os de fora” na vila Forquilha, construiu-se uma tipologia considerando a maior intensidade de interações observadas e relatadas pelos entrevistados: a) interação entre “os daqui”, b) interação entre “os de fora” e c) interação entre “os daqui” e “os de fora”.

## INTERAÇÃO ENTRE “OS DAQUI”

Dos residentes mais antigos (os “daqui”), 66% são naturais de Tomé-Açu e 34% são de outros municípios do estado do Pará, de outros estados e do Japão. Levando em consideração os indicadores sexo e idade, 59% dos entrevistados são do sexo feminino e 41%, do masculino, com idades entre 19 e 80 anos. Buscaram-se descendentes dos primeiros residentes para compor o histórico da vila.

A maioria dos “daqui” mora em casa própria (89%), de alvenaria (96%) e residem na rua principal e nas adjacentes (59%). Essa última condição identifica o local em que teve início

<sup>7</sup> Dos 97 entrevistados, 47% representam os “daqui” e 53%, os “de fora”. Quanto à origem, 69% são oriundos do estado do Pará, 29%, do Maranhão, Piauí, Alagoas, Ceará, 2%, do Amazonas e 2%, do Japão.

a formação da vila. Os primeiros habitantes são considerados de melhor posição econômica e social, parte deles é constituída de comerciantes. Ali aluguéis e imóveis são mais caros.

No dia a dia da vila, a interação predominante é entre “os daqui”, descendentes de famílias que se estabeleceram no decorrer do povoamento como proprietárias de terra. Ainda que cheguem pessoas novas, os laços continuam fortes entre eles, uma vez que são conhecidos, parentes e amigos. Assim, há maior confiança entre essas pessoas, que se solidarizam pela reciprocidade, o que não significa que não existam tensões. “Os membros do grupo das ‘famílias antigas’ ligavam-se entre si por laços de intimidade emocional, que incluíam antigas amizades e velhas aversões” (ELIAS; SCOTSON, 2000, p. 39). O sentimento de satisfação dessa convivência é guardado na memória e aflora quase sempre no diálogo com os mais antigos. Os fragmentos de memórias (ALENCAR, 2010) trazem uma idealização do passado e auxiliam a compreender o momento atual, uma vez que há um ponto de partida para a comparação do antes e do depois. Esses residentes viviam em grupos sociais menores e caracterizavam-se como comunidade, e nela “existem relações mais próximas e completas” (CETRULO NETO, 1999, p. 22). Viviam em proximidade física e existia a cooperação, como alguns deles relataram, a qual tinha a função de unir as pessoas nos mutirões e nos eventos lúdicos religiosos, como demonstrado por Candido (2017) na sociedade caipira e por Lima e Alencar (2001) nos povoados do Médio Solimões. Era a sociabilidade vinculada ao sentimento de pertencer à localidade, como afirma Candido (2017).

Os entrevistados desse tipo, apesar de relatarem mudanças no espaço, no tempo e no comportamento das pessoas, afirmam que têm boa convivência, mas reconhecem que as formas de relacionamento também sofreram mudanças ao longo dos anos. A conversa na rua, por exemplo, praticada por 16% dos residentes, foi uma das mais frequentes formas de interação vividas em outro tempo; já não é tão exercitada hoje, pelo medo de sair de casa, pela violência, pelo falecimento dos amigos mais antigos e pelo perfil dos novos residentes: “hoje não sabemos quem é quem”. “Hoje não conheço [muitas pessoas] mais por conta do desenvolvimento, pessoas que vêm de muitos lugares”. Os motivos pelos quais “os daqui” justificam as mudanças estão associados à chegada de grandes empreendimentos do agronegócio à vila e à consequente alteração na quantidade de pessoas “de fora”.

A interação no trabalho foi frequente nos momentos de ajuda mútua. Como alguns deles relataram, viviam em proximidade física e existia a cooperação, a qual tinha a função de unir as pessoas nos mutirões – o que também foi demonstrado por Candido (2017) na sociedade

caipira e por Lima e Alencar (2001) nos povoados do Médio Solimões. No entanto, segundo os moradores desse tipo, a expansão da dendeicultura exerceu influência na redução da prática de mutirões e no aumento do assalariamento. Brandenburg (2010) afirma que, quando há uma modernização da sociedade, ela impõe seu ritmo e seu padrão de vida ao campo, redefinindo as condições de vida das pessoas desse lugar.

Em se tratando dos lugares de interação entre “os daqui”, sobressaem os espaços de lazer e congregacionais nas igrejas católicas e protestantes, além de reuniões familiares e de amigos. No entanto, em Forquilha, há poucos espaços para lazer. Dessa forma, os grandes eventos organizados por essas instituições têm caráter lúdico religioso, além do objetivo comum de angariar recursos. Atraem muitas pessoas, como nas festas juninas e programações – o que também é observado há décadas em espaços rurais paulistas (CANDIDO, 2017; QUEIROZ, 1973), em Minas Gerais (SANTOS; KINN, 2009), em povoados no Médio Solimões (ALENCAR, 2010) e no Sudeste do Pará (SILVA, 2011).

Em Forquilha, o festejo de Nossa Senhora da Conceição, no mês de dezembro, é uma ocasião esperada pelos residentes “daqui” para rever as pessoas de outras vilas e confraternizar. Segundo os moradores, o ponto de encontro é a igreja, e a festividade é um dos momentos de maior interação entre eles – 97% afirmaram ser assíduos de missas e cultos. Os eventos das escolas, como o desfile e a participação na banda de percussão, são exclusivos para esses residentes. Aniversários também são eventos que reúnem “os daqui”: 74% organizam festas ou delas participam.

Nos finais de semana, 45% dos “daqui” preferem permanecer em suas próprias casas e na de amigos e parentes para refeições e comemorações. Já 29% privilegiam as ruas (campo de futebol e praças) e igrejas. Aqueles que têm sítios usufruem, normalmente, de um igarapé (26%). É importante destacar que a interação tem relação com a faixa etária. Os mais idosos relacionam-se em suas casas, nas igrejas e na rua onde conversam; já os mais jovens se encontram nos espaços públicos, como campo de futebol, praça, igreja, casa de amigos e rua principal, quase sempre em motocicletas.

De modo geral, o tempo de residência na vila influi no apeço por residir no lugar. Aqueles com maior tempo justificam o apeço à casa, à vida construída, às relações e à família. Mas reconhecem que houve diminuição nas interações para a realização de trabalhos coletivos, como os mutirões, para aqueles cujas famílias têm terra.

## INTERAÇÃO ENTRE OS “DE FORA”

O segundo tipo de interação é entre os residentes “de fora”, dos quais 73% são de diferentes municípios do NEP e 37%, de outros estados, como Maranhão e Ceará. Em sua maioria, eles têm uma trajetória de migração e buscam trabalho assalariado em diversos lugares. A moradia provisória é uma das suas vivências características mais importantes e influencia as interações que vivenciam. Eles são majoritariamente do sexo masculino (98%), apenas uma pequena parcela é do sexo feminino (2%). A maioria é de jovens homens com idades entre 21 e 30 anos – a masculinização da força de trabalho dos que se deslocam para trabalhar na dendeicultura é evidenciada em alguns estudos (MOTA; BALSADI; MOURÃO JÚNIOR, 2019).

Aqueles que chegaram recentemente (os “de fora”) residem em casa alugada (78%) de alvenaria (100%), em ruas adjacentes à principal (57%). Para Mota (2005), a ocupação do espaço e a localização das residências permitem distinguir econômica e socialmente os residentes, uma vez que as casas mais antigas estão no centro das aglomerações e as recentes, nos arredores. A autora sugere que tal espacialização influencia fortemente o modo como acontecem as relações. De fato, em Forquilha, identificam-se núcleos familiares e grupos de amigos pela sua origem. É o caso dos trabalhadores oriundos de Bragança, de Bujaru e de Mãe do Rio. Graças a uma relação preexistente nos lugares de origem, há solidariedade e ajuda mútua entre os “de fora” para a inserção no trabalho.

Os lugares mais citados de convivência entre “os de fora” são as residências (82%), onde jogam baralho, dominó e dama, paralelamente aos momentos de brincadeiras. Ocasionalmente, frequentam bares e botecos (75%) e interagem no próprio local de trabalho (100%). “Os de fora” reúnem-se nas folgas e à noite, quando chegam do trabalho. Gostam de confraternizar nos finais de semana com churrasco, ao som de músicas de suas preferências, nos próprios lugares onde residem. Entre os lugares preferidos, o campo de futebol é frequentado por 55% todos os dias.

O trabalho na mesma empresa facilita a interação entre os “de fora” porque se deslocam juntos, mesmo quando não há uma origem comum. Para alguns deles, a amizade é o que torna o trabalho na dendeicultura mais agradável e até ameniza a fadiga. 16% deles se conheceram antes daquele emprego, 65% foram indicados por quem se empregou primeiro ou por amigos, assim as redes de interconhecimento ganham proporção. Mota (2005, p. 242) afirma que essas redes “têm um papel fundamental porque facilitam a escolha dos colegas com os quais o sentido

lúdico da interação vai ser vivenciado no dia a dia do trabalho”. A cooperação entre eles antes e no curso das atividades na empresa torna possível a sociabilidade e o estreitamento dos laços. Esses momentos são prazerosos e melhoram o desempenho no trabalho, o que é observado também entre os trabalhadores pesquisados no Nordeste (MOTA, 2005). Segundo Mota (2005, p. 212), “nem sempre uma profunda relação de amizade implica o desejo de realizar tarefas conjuntamente, como pode ser observado em situações de campo em que grandes amigos nos finais de semana preferiam trabalhar separados para evitar possíveis discordâncias”. Porém, na pesquisa em Forquilha, constata-se o contrário: os trabalhadores mais amigos no trabalho são os que mais se encontram para o lazer.

Outro fator importante para a sociabilidade é o estado civil. Quase a metade – 41% – dos entrevistados afirma que os solteiros tendem a se agrupar mais com os solteiros. Os casados, em sua maioria, ficam em casa quando chegam do trabalho, principalmente quando têm filhos pequenos. Já os solteiros recebem visitas de outras pessoas em seus quartos. Silva (2011) constatou que, para os trabalhadores da cana-de-açúcar, o quarto era não apenas o local de dormir, mas também de convívio.

Pelo fato de passarem por muitos lugares durante suas vidas, as relações tecidas no trabalho têm muita importância para “os de fora” e influenciam no apego que têm aos lugares. A conversa aparece como conteúdo importante tanto nos lugares de residência quanto no trabalho. Baechler (1995) sugeriu que talvez o fenômeno mais típico da sociabilidade fosse a conversação, em que se manifestaria a satisfação com a interação.

## **INTERAÇÃO ENTRE OS RESIDENTES “DAQUI” E “OS DE FORA”**

Há pouca interação entre os “daqui” e os “de fora”. O argumento dos residentes “daqui” para que essa convivência não ocorra é o fato de os trabalhadores não serem vistos com frequência porque passam a maior parte do dia nas empresas e, em suas folgas, ficam em casa, pouco saindo para o lazer. Quando uma pessoa demonstra ter conhecimento deles, na maioria das vezes, é dono de empreendimento ou um jovem “daqui” que visita diversos lugares na vila.

A relação entre os “daqui” e os “de fora” é marcada pela desconfiança, pelo pouco entrosamento e por uma aproximação limitada, o que dificulta a interação. Há residentes “daqui” convictos de que os residentes “de fora” disputam os escassos empregos. “Os daqui” questionam o motivo pelo qual as empresas contratam “os de fora”. Essa situação assemelha-se àquela analisada por Elias e Scotson (2000, p. 167), em outro contexto: “não se pode excluir

a possibilidade de que, no começo, quando se construíram novas casas na vizinhança, os trabalhadores estabelecidos também tenham achado que os recém-chegados seriam concorrentes em potencial pelo emprego e que por isso não tenham gostado deles”.

O discurso sobre o conhecimento das pessoas em Forquilha é semelhante entre os “daqui” e “os de fora”. Por isso, 80% dos entrevistados afirmam que se conhecem. Mas as pessoas conhecem-se porque já se viram, não por manterem uma relação, não dialogam. Há razões para tal atitude.

Para 32% dos entrevistados “daqui”, os “de fora” não são merecedores de confiança, porque são avaliados como desordeiros e indisciplinados, como pessoas que cometeram ou cometem algum tipo de irregularidade. Elias e Scotson (2000, p. 22) relataram algo semelhante: “o grupo estabelecido tende a atribuir ao conjunto do grupo *outsider* as características ‘ruins’ de sua porção ‘pior’”. Com base na observação do residente “daqui”, é possível compreender que a interação é propensa a ser mais difícil se existirem ideias preconcebidas a respeito de determinado grupo, assim a sociabilidade entre eles é superficial, ainda que ocorra minimamente em algum momento.

Na concepção dos “daqui”, há ambiguidades quanto aos “de fora”. Por um lado, “os de fora” trouxeram o desenvolvimento, contribuíram para a melhoria do movimento do comércio; por outro lado, suscitaram problemas sociais e de infraestrutura em razão do aumento das demandas. Muitos dos “daqui” (68%) avaliam os “de fora” como pessoas corajosas e batalhadoras por saírem em busca de sustento, mas ponderam que também vieram pessoas “ruins”. Para os “de fora” (54%), os que moram há mais tempo na vila Forquilha, “os daqui”, são pessoas tranquilas e boas, mas não demonstram interesse em conhecê-los. A partir desse ângulo, confirma-se o que Elias e Scotson (2000) constataram: os *outsiders* não compreendiam muito bem por que eram vistos de forma diferente pelos estabelecidos, uma vez que os viam como pessoas iguais a eles.

O modo de ver o outro, com ressalvas, por ambas as partes, influencia negativamente a interação. A sociabilidade torna-se superficial porque em ambos os lados existe algum tipo de resistência, em razão da ideia de que um é melhor do que outro, em razão da condição de ser mais antigo ou recém-chegado, em razão da falta de tempo ou ainda de certos sentimentos. Tudo isso dificulta o estabelecimento de laços mais fortes.

A interação entre “os daqui” e “os de fora” acontece de forma diferenciada. Há lugares frequentados por todos, simultaneamente: os supermercados, as igrejas e os campos de futebol.

É consenso entre os dois tipos de residentes que a igreja é o lugar de maior interação entre os “daqui”. No entanto, os “de fora” que frequentam a igreja argumentaram ter melhor convívio após a participação nas reuniões religiosas, que permitem conhecer melhor as pessoas. Os que não têm o hábito de ir às programações (71%) explicam que não se sentem bem porque acham que os antigos são “esnobes e metidos a rico”. Os mais jovens dos dois grupos apreciam os campos de futebol. Os mais jovens “daqui” gostam dos campos de futebol, mas não os frequentam como os “de fora”, preferem a quadra de esporte da escola; já “os de fora” frequentam diariamente os campos improvisados e o de gramado. A interação entre eles acontece, mesmo que em menor intensidade, somente em termos de participação no jogo:

Eu não me sinto muito bem em frequentar campo lá atrás, eu fui lá um dia e tinha muita gente jogando e uns na beira do campo, ficaram todos me olhando estranho, como se eu fosse um ladrão, eu pensei, eu vou embora. Não conheço ninguém. Eu sou novato e não fico me sentindo muito bem (J. R., 25 anos).

O relato reflete o sentimento de ser olhado como estranho, por sua condição de ser “de fora”. Para amenizar o estranhamento, “os de fora” vão em um grupo de amigos.

Diferentemente do observado em outros estudos, a interação intergrupos não acontece na rua, onde poucas pessoas conversam, muito embora a movimentação de motocicletas seja intensa. Os “daqui” e os “de fora” conversam em frente de suas casas, porém cada um em seu círculo específico de conhecidos. Os “daqui” entrevistados que mais interagem com os “de fora” (26%) são donos de empreendimentos, principalmente de quitinetes próximas, ou familiares e amigos que por coincidência residam na vila. Mas a interação acontece pontualmente. Com os “de fora” não é diferente: apenas 12% afirmaram interagir com “os daqui”, isso porque são trabalhadores residentes na vila há mais de sete anos.

A interação entre os dois grupos no lazer quase sempre está ligada aos igarapés e aos momentos em bares e botecos. Embora ambos os residentes afirmem que esse tipo de programa é preferido pelos “de fora”, 51% dos “daqui” também confirmaram ser esse um local para a interação.

De acordo com estudos nos espaços rurais, as relações de sociabilidade podem ser facilmente estabelecidas nos espaços de trabalho e de lazer, porém é necessário que os residentes estejam em convívio e pertençam aos mesmos grupos (ALMEIDA, 2011). Mas, como Fernandes (2018) afere, a vida social fica afetada quando não há instrumentos lúdicos

que facilitem encontros para a interação entre aqueles que têm origem diferente, como é o caso de Forquilha.

Para Menezes e Cover (2018), é necessário levar em consideração o tempo para que as pessoas conheçam os códigos que guiam os comportamentos e as expressões de linguagem em cada lugar. Essa é uma das dificuldades enfrentadas por residentes “de fora” para relacionarem-se com os “daqui”; é também uma das causas que contribuem para que “os de fora” sejam vistos como diferentes no lugar de morada, como registraram Elias e Scotson (2000) no seu estudo em outro contexto.

### **SEMELHANÇAS E DIFERENÇAS ENTRE AS INTERAÇÕES DOS TIPOS DE RESIDENTES**

Na maioria das vezes, os residentes entrevistados apresentam alguma semelhança. São, por exemplo, oriundos de famílias agricultoras residentes em comunidades rurais. No entanto, essa semelhança pesa pouco quando comparada à condição de ter vindo de outro lugar para morar onde há residentes mais antigos estabelecidos e com laços fortes. Amparado nas contribuições de Simmel, Cetrulo Neto (1999) alerta sobre essas diferenças: segundo ele, quanto mais profundas elas forem entre as pessoas, menos chances haverá de a interação ocorrer.

A forma de participação na vida social revela diferenças que são construídas com base no critério privilegiado do interconhecimento. Moraes Filho (1983, p. 23-24) enfatiza: “tanto mais rica é a participação do indivíduo na vida social, tanto maior o número de círculos sociais a que pertença, quanto mais forte é a sua independência, quanto mais nítida se destaca a sua personalidade”, e quanto mais sociável ele se torna.

A relação entre os dois tipos de residentes é fragilizada devido às limitações ocasionadas pelo distanciamento social, pela pouca participação de uns na vida dos outros. Acresce-se a isso, a ideia preconcebida de que as pessoas “de fora” têm dificuldade de se socializarem e de que os “daqui” as veem com superioridade. Tanto os “daqui” como os “de fora” sugerem manter o afastamento para evitar problemas. Há estranhamento de ambas as partes.

Os residentes “daqui” exercitam a sociabilidade pelo grau de conhecimento que uns têm dos outros, pela confiança, pela similaridade na origem e pelo tempo de moradia. Já os “de fora” se identificam pela condição de migrantes e de residências próximas, pela identificação no trabalho e pelo reconhecimento de viverem situações semelhantes em um novo lugar de morada.



Para ambos os residentes, a convivência está associada aos lugares de lazer, e há limitação quanto a isso na vila Forquilha. No entanto, é preciso levar em consideração o fato de que tanto “os daqui” quanto “os de fora” frequentam esses espaços, porém interagem mais com aqueles que já conhecem ou que estão em condições semelhantes, sendo ou não da vila. Portanto, vivenciam interações segmentadas.

Na concepção de um residente mais antigo, os “daqui” convivem mais em “ambiente fechado, já as pessoas que chegaram são mais livres e andam e se encontram mais”.

Como se viu, é perceptível a fluidez da interação entre os representantes de um mesmo tipo de residentes, mas, entre os diferentes tipos, a interação é mais difícil. As diferenças tornam impraticável a sociabilidade, de acordo com Simmel (1983). Para o autor, justamente por se tratar de grupos diferentes, em que a coesão não é forte, cada tipo de residente corresponde a uma comunidade, e as comunidades estão mais ligadas entre si. Portanto, entre grupos diferentes, é mais difícil que ocorra uma relação recíproca sem diferenças intrínsecas à relação superficial, principalmente se ambos os tipos de residentes deixam as dessemelhanças sobressaírem.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, analisamos as relações de sociabilidade considerando o afluxo de novas pessoas para trabalhar como assalariadas na dendeicultura na vila Forquilha em Tomé-Açu, PA. Para tanto, caracterizamos a história do lugar e a implantação da dendeicultura a partir de 2010. Concluimos que duas grandes ondas migratórias ocorreram na história da vila: na primeira, associada ao povoamento inicial, o acesso à terra foi a motivação central; a segunda caracterizou-se pelo assalariamento em agroindústrias de dendê. Independentemente do momento, as duas ondas migratórias foram amparadas em redes de parentesco e de amizade, os migrantes buscavam melhores condições de vida, o que, aliás, motiva o trânsito de grupos de trabalhadores rurais no Brasil.

O cerne da nossa análise foram as relações entre antigos e novos residentes, denominados, respectivamente, “os daqui” (originários do lugar) e “os de fora” (migrantes que chegaram para trabalhar na dendeicultura). Independentemente do tipo de relação que tenham com a dendeicultura, “os daqui” e “os de fora” vivenciam transformações provocadas pela dendeicultura e que afetam a sociabilidade. São mais atingidos os grupos que se assemelham no que diz respeito à origem, à condição de residência (casa alugada) e à inserção no trabalho.

Tais demarcadores também contribuem para que se intensifiquem as interações nos seus grupos de pertencimento.

Concluimos que as sociabilidades correspondem a três tipos de interações marcantes, segundo os membros dos diferentes grupos. O primeiro tipo de interação, entre “os daqui”, agrega membros de várias gerações dos residentes mais antigos. “Os daqui” distinguem-se por serem do lugar, por terem um passado comum e por partilharem um sentimento de orgulho de pertencer à vila Forquilha, em contraste com o olhar discriminatório dos que não são “daqui”. O trabalho não é o elemento principal para a interação.

O segundo tipo de interação dá-se entre os residentes mais recentes (“os de fora”): são migrantes, com passados diversos, que têm em comum a migração em busca de trabalho e a inserção em uma vida cujo elemento central é a interação. O sentimento de não ser do lugar é acompanhado pelo sentimento de discriminação.

O terceiro tipo é a interação entre os residentes “daqui” e os “de fora”, marcada pelo raro convívio e pelo distanciamento causado pelas diferenças, pelos estranhamentos e pelas desconfianças mútuas. A inconstância exerce influência nas relações de sociabilidade entre os “daqui” e os “de fora”, estimulando-os a construir imagens do outro para justificar os seus argumentos.

O distanciamento social provoca estranhamentos nos “daqui” e nos “de fora”, limitando a interação, além de contribuir para a definição de um grupo em contraste com o outro. Semelhanças e diferenças justificam os argumentos de cada grupo. Mediante tal constatação, é possível concluir que a sociabilidade se torna intensa em cada grupo, mas difícil em razão das diferenças (SIMMEL, 1983).

Como conclusões gerais, reforçamos que a conversa é o ingrediente central da sociabilidade e constatamos interações intensas intragrupos e restritas intergrupos. As interações ocorrem em espaços tanto fechados como abertos e têm como demarcadores centrais a origem, a idade, o interconhecimento e as imagens que são construídas do outro, parte constitutiva das suas identidades.

Do mesmo modo que Elias e Scotson (2000), concluimos que em Forquilha há dois grupos presos na armadilha de uma configuração que eles não criaram, mas que os direcionou para as tensões e situações específicas no contexto de transformações provocadas pela produção de *commodities*: “os daqui” e “os de fora”.

## REFERÊNCIAS

ALENCAR, A. L. H. **Estilo de vida e sociabilidade**: relações entre espaço, percepções e práticas de lazer na sociedade contemporânea. Um estudo de caso em Gravatá, Pernambuco. 2007. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2007.

ALENCAR, E. F. **Memórias de Mamirauá**. Belém: Instituto de Desenvolvimento Sustentável Mamirauá, 2010.

ALMEIDA, A. P. Uma análise sobre sociabilidade, cotidiano e vizinhança em um bairro popular de João Pessoa-PB. **Ponto Urbe**: Revista do Núcleo de Antropologia Urbana da USP, n. 9, p. 1-11, 2011. Disponível em: <https://journals.openedition.org/pontourbe/287>. Acesso em: 28 ago. 2019.

AQUINO JÚNIOR, P. O. C. de. **Campesinato e agronegócio do dendê no ramal do cravo (Acará/PA)**: disputas em torno da terra e futuro. 2019. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido) – Núcleo de Altos Estudos Amazônicos, Universidade Federal do Pará, Belém, 2019.

BACKHOUSE, M. **A desapropriação sustentável da Amazônia**: o caso de investimentos em dendê no Pará. Berlim, 2013 (Fair Fuels? Working Paper 6). Disponível em: <https://d-nb.info/1276600720/34>. Acesso em: 5 maio 2020.

BACKHOUSE, M.; LEHMANN, R. New ‘renewable’ frontiers: contested palm oil plantations and wind energy projects in Brazil and Mexico. **Journal of Land Use Science**, [s. l.], v. 15, n. 2-3, p. 373-388, 2020.

BAECHLER, J. Grupos e sociabilidade. In: BOUDON, R. (dir.). **Tratado de Sociologia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995. p. 65-106.

BECKER, B. K. Significância contemporânea da fronteira: uma interpretação geopolítica a partir da Amazônia brasileira. In: AUBERTIN, C. (org.). **Fronteiras**. Brasília, DF: UnB; Paris: Orstom, 1988. p. 60-89.

BECKER, H. S. **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. 4. ed. Tradução de Marco Estevão e Renato Aguiar. São Paulo: Hucitec, 1999.

BRANDÃO, F.; SCHONEVELD, G.; PACHECO, P. Integração da agricultura familiar à cadeia da palma de óleo na Amazônia Brasileira: análise e recomendações. **Infobrief**, Bogor, n. 207, p. 1-6, mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.17528/cifor/006849>.

BRANDEMBURG, A. Do rural tradicional ao rural socioambiental. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 13, n. 2, p. 417-428, jul./dez. 2010. <https://doi.org/10.1590/S1414-753X2010000200013>.

CANDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 12. ed. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul; São Paulo: Edusp, 2017.

CARVALHO, A. C. A. de. **As metamorfoses do trabalho e no espaço a partir da**

Página 19 de 23

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v6i5.1294>



**dendeicultura em Tomé-Açu (PA):** estudo de caso na vila Forquilha. 2016. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

CASTELLANOS-NAVARRETE, A.; TOBAR-TOMÁS, W. V.; LÓPEZ-MONZÓN, C. E. Development without change: oil palm labour regimes, development narratives, and disputed moral economies in Mesoamerica. **Journal of Rural Studies**, [s.l.], v. 71, p. 169-180, Oct. 2019. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.jrurstud.2018.08.011>.

CETRULO NETO, F. Simmel: sociabilidade e sociedade moderna. In: D'INCAO, M. A (org.). **Sociabilidade: espaço e sociedade**. São Paulo: Grupo Editores, 1999. p. 15-33.

ELIAS, N.; SCOTSON, J. L. **Os estabelecidos e os outsiders:** sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000.

ERTZOGUE, M.; BUSQUETS, M. «El agua es de la gente, no de Belo Monte». Represas y pérdida de redes de sociabilidad entre las poblaciones afectadas, representadas en arpilleras amazónicas. **Tabula Rasa**, Bogotá, n. 30, p. 109-131, Jan./June 2019. <https://doi.org/10.25058/20112742.n30.06>.

FERNANDES, P. H. C. A vida social e a sociabilidade na pequena cidade de Nova Tebas (PR). **Geografia em Questão**, [s.l.], v. 11, n. 1, p. 131-146, 2018.

FOOD AND AGRICULTURE ORGANIZATION CORPORATE STATISTICAL DATABASE. **Países líderes na produção de dendê no mundo**. 2020. Disponível em: <http://www.fao.org/faostat/en/#data/QC/visualize>. Acesso em: 5 maio 2020.

GERMAN, L.; SCHONEVELD, G. C.; PACHECO, P. The social and environmental impacts of biofuel feedstock cultivation: evidence from multi-site research in the forest frontier. **Ecology and Society**, [s.l.], v. 16, n. 3, Sept. 2011. DOI: 10.5751/ES-04309-160324.

GONÇALVES, I. L. M. P. “**A gente tem uma vida lá fora...**”: relações entre gestão de recursos humanos e sociabilidade das pessoas empregadas nos supermercados da Região Metropolitana de Belém. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

HOMMA, A. K. O. **Cronologia do cultivo do dendezeiro na Amazônia**. Belém: Embrapa Amazônia Oriental, 2016 (Documentos, 423).

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Produção agrícola municipal**. 2019. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pa/pesquisa/15/11863>. Acesso em: 16 dez. 2019.

JEZEER, R.; SLINGERLAND, M.; VAN DER LAAN, C.; PASIECZNIK, N. Improving smallholder inclusiveness in palm oil production – a global review. In: JEZEER, R.; PASIECZNIK, N. (ed.). **Exploring inclusive palm oil production**. Tropenbos International: Wageningen, the Netherlands, 2019. p. vi-xx. (ETFRN News, 59).

LIMA, D. de M.; ALENCAR, E. F. A lembrança da História: memória social, ambiente e identidade na várzea do Médio Solimões. *Lusotopie*, [s.l.], n. 8, p. 27-48, 2001. Disponível em: [https://www.persee.fr/doc/luso\\_1257-0273\\_2001\\_num\\_8\\_1\\_1426](https://www.persee.fr/doc/luso_1257-0273_2001_num_8_1_1426). Acesso em: 17 maio 2020.

MENEZES, M. A.; COVER, M. Trabalhadores migrantes: formas de resistência cotidiana. **Travessia**: Revista do Migrante, [s.l.], v. 31, n. 83, p. 79-88, maio/ago. 2018. DOI: <https://doi.org/10.48213/travessia.i83.645>

MICHELAT, G. Sobre a utilização de entrevista não diretiva em sociologia. In: THIOLENT, M. J. M. (org.). **Crítica metodológica, investigação social e enquete operária**. 5. ed. São Paulo: Polis, 1987. p. 191-212.

MORAES FILHO, E. Introdução. In: MORAES FILHO, E. (org.). **Georg Simmel**: Sociologia. São Paulo: Ática, 1983. p. 7-44. (Coleção os Grandes Cientistas Sociais, 34).

MOTA, D. M. da. **Trabalho e sociabilidade em espaços rurais**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil; Embrapa Tabuleiros Costeiros, 2005.

MOTA, D. M. da; BALSADI, O. V.; MOURÃO JÚNIOR, M. Transformações na estrutura ocupacional do Norte do Brasil com foco na dendeicultura. **Raízes**, Campina Grande, v. 39, n. 2, p. 289-312, 2019. <https://doi.org/10.37370/raizes.2019.v39.111>.

MOTA, D. M. da; RIBEIRO, L.; SCHMITZ, H. A organização do trabalho familiar sob a influência da produção de dendê em Tomé-Açu, Pará. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, Belém, v. 14, n. 2, p. 531-551, maio-ago. 2019.

MOTA, D. M. da; SCHMITZ, H.; GOMES, D. L.; SILVA, G. O. da. Oil palm contract farming improves quality of life for family farmers in the Brazilian Amazon? In: JEEZER, R.; PASIECZNIK, N. (ed.). **Exploring inclusive palm oil production**. Tropenbos International: Wageningen, the Netherlands, 2019. p. 78-84. (ETFRN News, 59).

NEIBURG, F. A sociologia das relações de poder de Norbert Elias. In: ELIAS, N.; SCOTSON, J. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2000. p. 7-11.

OVERBEEK, W. **O impacto da produção de agrodiesel em diversas regiões do mundo**. Impacts of Agricultural Pesticides in Northeast Pará. Belém: UFPA, 2017.

QUEIROZ, M. I. P. de. **Bairros rurais paulistas**: dinâmica das relações bairro rural-cidade. São Paulo: Livraria Duas Cidades, 1973.

RAMALHO FILHO, A.; MOTTA, P. E. F. da; FREITAS, P. L. de; TEIXEIRA, W. G. (ed.). **Zoneamento agroecológico, produção e manejo para a cultura da palma de óleo na Amazônia**. Rio de Janeiro: Embrapa Solos, 2010.

RIBEIRO, L. B. **O trabalho sob influência da dendeicultura em vilas rurais paraenses**. 2016. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) –

Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

RIBEIRO, L. B.; MOTA, D. M. da; ALVES, K. dos S. Vilas rurais na Amazônia Oriental: o Nordeste Paraense em questão. **Cadernos de Ciência & Tecnologia**, Brasília, DF, v. 34, n. 3, p. 339-358, set./dez. 2017.

RIBEIRO, L. C. “**Mesmo com essas coisas ruins que o dendê trouxe, eu não saio daqui**”: resistência à agroindústria do dendê na comunidade do Castanhalzinho em Concórdia do Pará. 2017. Dissertação (Mestrado em Agriculturas Familiares e Desenvolvimento Sustentável) – Núcleo de Ciências Agrárias e Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

SAAVEDRA, M. da P. C. O “**ir**” para o assalariamento na agroindústria do dendê e o “**voltar**” para a comunidade quilombola: o caso de Santo Antônio em Concórdia do Pará. 2017. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2017.

SANTOS, R. J.; KINN, M. G. Festas: Tradições reinventadas nos espaços rurais dos cerrados de Minas Gerais. **Espaço e Cultura**, n. 26, p. 61-74, 2009.

SILVA, B. de S. **Viveres de maranhenses no Pará**: migração, terra, trabalho e conflito no vale do Acará (décadas de 1960-1990). 2018. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.

SILVA, M. S. da. **Trabalhadores-migrantes nos canaviais paulistas**: sociabilidades, condições de trabalho e formas de resistência! 2011. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Centro de Humanidades, Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande, 2011.

SIMAS, J. P.; PENTEADO, C. L. C. Energia e sustentabilidade: análise da viabilidade do cultivo de dendê para o desenvolvimento regional endógeno da Amazônia. **Boletim de Geografia**, Maringá, v. 37, n. 1, p. 184-198, 2019. DOI: <http://dx.doi.org/10.4025/bolgeogr.v37i1.39256>.

SIMMEL, G. Sociabilidade: um exemplo de sociologia pura ou formal. In: MORAES FILHO, E. (org.). **Georg Simmel: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983. p. 165-181. (Coleção os Grandes Cientistas Sociais, 34).

SIMMEL, G. **Questões fundamentais da sociologia**: indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

SOUSA, R. B. Quando o trabalhador assalariado é camponês: um estudo dos agricultores camponeses nos campos de dendê no Nordeste Paraense. **Campo-Território: Revista de Geografia Agrária**, [s.l.], v. 14, n. 32, p. 28-52, abr. 2019. DOI: 10.14393/RCT143202.

UNITED STATES DEPARTMENT OF AGRICULTURE. **Palm Oil Production by Country in 1000 MT**. 2019. Disponível em: <https://www.indexmundi.com/agriculture/?commodity=palm-oil&graph=production>. Acesso em: 5 maio 2020.

VELHO, O. G. **Frente de expansão e estrutura agrária**: estudo do processo de penetração numa área da Transamazônia. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2009. Disponível em: <https://static.scielo.org/scielobooks/zjf4z/pdf/velho-9788599662915.pdf> <http://books.scielo.org>. Acesso em: 17 maio 2020.

WAGLEY, C. **Uma comunidade amazônica**: estudo do homem nos trópicos. 3. ed. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1988.